

PRÁTICA DE ENSINO DE LEITURA: O USO DA CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Ana Maria Mendonça Bezerra¹
Clarice Mesquita Silva²
Magno dos Santos Gomes³
Maria José Gonçalves Bernardo⁴

RESUMO

A leitura desempenha um papel central na formação do sujeito crítico, sendo fundamental para o desenvolvimento de competências linguísticas, sociais e éticas. Muito além da decodificação de palavras, ler é um ato político e formador, como destaca Paulo Freire (2005), ao afirmar que a leitura é um instrumento de conscientização e transformação social. Cosson (2014) também contribui para essa compreensão ao propor o letramento literário como prática que articula o domínio da leitura à reflexão crítica, à imaginação e à formação cidadã. Nesse contexto, é papel da escola — especialmente das aulas de Língua Portuguesa — promover práticas leitoras significativas, com textos variados e abordagens que despertem o interesse dos estudantes e dialoguem com suas vivências. A proposta metodológica apresentada tem como base a leitura da crônica “A verdade”, de Luís Fernando Veríssimo, com turmas do 8º e 9º ano, como estratégia para estimular o pensamento crítico e promover debates éticos e reflexivos a partir de uma linguagem acessível e próxima da realidade dos estudantes. As atividades foram organizadas em duas aulas, com leitura compartilhada, rodas de conversa e produção colaborativa de cartazes interpretativos. A avaliação foi processual e formativa, valorizando o engajamento e a construção coletiva de sentidos. O trabalho evidencia que, ao integrar leitura literária, diálogo e produção crítica, é possível tornar a escola um espaço significativo de formação de leitores sensíveis, autônomos e transformadores da realidade em que vivem.

Palavras-chaves: Ensino de leitura; Prática; Formação de Leitor; Crônica.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade essencial para a formação do sujeito enquanto cidadão crítico, ser social e agente de transformação da realidade em que vive. Por meio da leitura, ampliam-se os horizontes do conhecimento, sistematizam-se saberes e desenvolve-se a capacidade de compreender o mundo sob diferentes perspectivas. A leitura vai além da simples obtenção de informações: ela desperta a imaginação, amplia o olhar sobre o outro, incentiva o pensamento crítico e contribui para a formação ética e cidadã. Por meio das palavras, é possível rir, chorar, aprender e refletir — abrindo espaço para transformações tanto pessoais quanto sociais.

¹ Professora e Coordenadora Escolar (SME/Fortaleza). Mestranda em Linguística e Ensino (MPLE/UFPB).

² Professora de Português (SME/Canindé). Mestranda em Linguística e Ensino (MPLE/UFPB);

³ Professor de Português (SME/Fortaleza). Mestrando em Linguística e Ensino (MPLE/UFPB);

⁴ Professora Pedagoga (SME/Fortaleza). Mestranda em Linguística e Ensino (MPLE/UFPB).

Desta forma, ler é, portanto, um ato político, formador e transformador, como afirma Paulo Freire (2005), ao destacar que a leitura não é apenas um processo cognitivo, mas também uma forma de tomar consciência do mundo e de atuar sobre ele. Para Freire (2005), a leitura é um instrumento de conscientização e de transformação social, permitindo que os indivíduos se vejam como sujeitos ativos na construção de uma realidade mais justa e crítica.

Nesse sentido, ao favorecer o contato com diferentes culturas, ideias e modos de ver o mundo, a leitura contribui significativamente para o enriquecimento do vocabulário, a ampliação da visão de mundo e o fortalecimento das competências linguísticas e sociais. A diversidade de textos e gêneros discursivos tornam essa prática ainda mais potente, permitindo que leitores, com os mais variados interesses encontrem, neste vasto universo, pontos de identificação, encantamento e descoberta.

Considerando esse potencial formativo, nas aulas de Língua Portuguesa o espaço dedicado à leitura deve ser compreendido como um momento privilegiado de construção de sentidos, de ampliação do repertório cultural e de desenvolvimento do pensamento crítico. Muito além da decodificação de palavras, a leitura em sala de aula deve promover o contato com uma variedade de textos, autores, gêneros discursivos e suportes, estimulando o aluno a se tornar um leitor autônomo, sensível e questionador. A leitura literária, em especial, ocupa papel central nesse processo, pois permite ao estudante experimentar outras realidades, refletir sobre questões humanas universais e exercitar a imaginação. Dessa forma, a leitura precisa ser tratada como uma prática constante e significativa, integrada ao cotidiano escolar e articulada aos demais eixos do ensino da língua — escrita, oralidade e análise linguística.

No entanto, apesar de sua reconhecida importância, a efetivação desse espaço de leitura enfrenta inúmeros desafios no contexto das escolas públicas brasileiras. Dentre eles, destacam-se a falta de infraestrutura adequada, a escassez de acervos atualizados e acessíveis, a desvalorização da leitura literária em detrimento de atividades voltadas apenas para avaliações externas, além do desinteresse ou da resistência de muitos estudantes, frequentemente desmotivados por práticas repetitivas e descontextualizadas. Soma-se a isso a necessidade de que o professor atue como mediador da leitura, o que requer formação continuada, planejamento cuidadoso e sensibilidade para selecionar textos que dialoguem com os interesses, as vivências e as realidades socioculturais dos alunos. Promover a leitura em sala de aula, portanto, é uma tarefa complexa, que exige intencionalidade pedagógica, estratégias diversificadas e, acima de tudo, compromisso com a formação de leitores críticos e atuantes.

É nesse cenário que se insere a relevância dos gêneros narrativos, em especial a crônica, que se destaca por sua linguagem acessível e por abordar temas do cotidiano de forma

leve, crítica ou reflexiva. Esse gênero textual se mostra particularmente eficaz no processo de ensino da leitura, sobretudo quando se leva em consideração o perfil dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que muitas vezes convivem com contextos marcados por desigualdades sociais e enfrentam diversos desafios em sua trajetória escolar.

Diante disso, este trabalho propõe o uso da crônica *A verdade*, de Luís Fernando Veríssimo (2001), como ponto de partida para o desenvolvimento de práticas de leitura reflexiva e crítica com estudantes do 8º e 9º ano. A escolha desse texto se justifica por suas características próprias: a leveza do humor, a crítica sutil e a capacidade de provocar o leitor a pensar sobre temas relevantes — neste caso, a relatividade da verdade, os julgamentos precipitados e as razões que levam alguém a mentir. A proposta busca, assim, aliar o ensino da leitura à realidade dos alunos, favorecendo não apenas a compreensão textual, mas também a leitura do mundo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura, como processo formativo e transformador, ocupa um papel central na educação, não apenas como habilidade cognitiva, mas como uma prática que desenvolve o pensamento crítico, a consciência social e a capacidade de interagir com o mundo de forma reflexiva. Este estudo enfatiza as discussões acerca das concepções de leitura, bem como o processo de formação do leitor crítico, considerando que a leitura é elemento fundamental do processo de ensino e de aprendizagem.

No campo educacional, diferentes autores destacam que ler vai muito além da decodificação de palavras: trata-se de um processo de construção de sentidos, de interação com o texto e de desenvolvimento de competências interpretativas e críticas. Nesse sentido, Solé (2002) compreende a leitura como uma atividade ativa e complexa, na qual o leitor mobiliza seus conhecimentos prévios, suas expectativas e sua experiência de mundo para construir o significado do texto. A autora defende que o ensino da leitura deve ultrapassar a perspectiva instrumental, promovendo o desenvolvimento de leitores autônomos e reflexivos, capazes de questionar, posicionar-se e dialogar com os textos que leem.

A esse entendimento somam-se as contribuições de Cosson (2014), que reforça o caráter interpretativo da leitura ao destacar que a formação do leitor exige práticas sistemáticas e intencionais, capazes de favorecer o contato com a diversidade textual e a construção de sentidos a partir de diferentes contextos socioculturais. O autor propõe o trabalho com projetos de leitura como estratégia eficaz para tornar essa prática mais significativa, especialmente no

que diz respeito ao desenvolvimento do gosto pela leitura literária. Nesse cenário, o texto literário — em especial os gêneros narrativos como a crônica — possui o potencial de tocar o leitor, despertando sua sensibilidade, capacidade crítica e imaginação, aspectos essenciais na formação de sujeitos leitores e cidadãos conscientes.

Nessa perspectiva insere-se também a concepção de leitura de Koch (2011), que enfatiza a leitura crítica como prática social. Para a autora, o ato de ler envolve o reconhecimento das intenções comunicativas, a análise dos efeitos de sentido e a identificação das marcas ideológicas que perpassam os textos. Assim, o texto é concebido como um espaço de interação, no qual professor e aluno dialogam e constroem significados. Considerando o texto como ponto central do estudo da língua, sua seleção deve considerar o perfil do público-alvo, os objetivos comunicativos e as vozes sociais que se manifestam em sua tessitura discursiva.

Ensinar a ler, portanto, significa orientar o aluno a perceber o texto como um produto discursivo, inserido em contextos específicos e carregado de valores. A leitura crítica deve ser estimulada desde os anos iniciais do ensino fundamental, favorecendo a construção de uma postura leitora questionadora e ética, que ultrapasse a passividade diante do discurso e contribua para a formação de cidadãos ativos e conscientes.

Entretanto, o processo de formação do leitor nos anos iniciais ainda enfrenta uma série de barreiras. Bandeira e Portilho (2020, p. 173) destacam que:

A ausência de abordagens interativas de leitura em sala de aula, o não incentivo ao ato de ler, em consonância com as dificuldades encontradas por professores — que, por vezes, se detêm apenas ao ensino técnico — podem implicar, para a criança, atraso na competência leitora e no desenvolvimento do processo de aprendizagem, gerando consequências futuras como a falta de interatividade, criatividade, imaginação, senso crítico, autonomia e o insucesso escolar.

Essa crítica evidencia a importância das práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do gosto e da competência leitora, desde a infância. O tipo de abordagem selecionado pelo professor para o trabalho com a leitura é determinante na formação do leitor crítico. É imprescindível que, nos anos iniciais, a leitura ocorra de forma lúdica e contextualizada, integrando temáticas de interesse do público infantil às suas vivências culturais e sociais. Essa capacidade de definir abordagens pedagógicas eficazes requer dos professores não apenas conhecimento teórico, mas também experiência e sensibilidade em relação à sua sala de aula.

A concepção de linguagem, as práticas de leitura e as metodologias adotadas pelos professores estão intimamente relacionadas a fatores econômicos, culturais e sociais, bem como

à forma como esses profissionais compreendem e interpretam a realidade. Além disso, influenciam essas escolhas a formação inicial e continuada dos docentes, bem como os projetos pedagógicos propostos pelos sistemas de ensino em âmbito federal, estadual e municipal.

Diante desse panorama, compreende-se que as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula para a formação de leitores críticos e reflexivos decorrem de um conjunto de múltiplos fatores. Cabe ao professor, num primeiro momento, avaliar se essas práticas têm sido eficazes com seus alunos, analisando se há necessidade de ajustes, se as temáticas e os gêneros textuais propostos despertam o interesse dos estudantes e se possibilitam reflexões críticas conectadas à realidade em que estão inseridos.

Apesar dos inúmeros desafios, é a escola que mais forma leitores. Os professores de Língua Portuguesa, e também os de outros componentes curriculares, compartilham essa missão, compreendendo que formar um leitor vai muito além de ensinar a decodificar símbolos linguísticos: trata-se de oportunizar o acesso à participação social, ao pensamento crítico e à tomada de posição diante das situações cotidianas. É contribuir para a formação de sujeitos mais criativos, interativos e conscientes.

Essa visão da leitura como prática crítica e transformadora é profundamente influenciada pelos pressupostos de Paulo Freire (2005), que entende o ato de ler como uma forma de leitura do mundo. Para o autor, a leitura não é apenas uma operação cognitiva, mas um ato político, por meio do qual o sujeito se apropria da linguagem para interpretar e transformar a realidade. Nesse contexto, a leitura é um instrumento de conscientização, e a escola deve criar condições para que os estudantes compreendam sua realidade, se posicionem criticamente diante dela e atuem de forma transformadora. Freire enfatiza a necessidade de que o ensino da leitura esteja conectado às experiências e saberes dos educandos, respeitando seus contextos socioculturais, de modo que o ato de ler seja significativo e libertador.

Com base nessas perspectivas, compreende-se que o ensino da leitura nas aulas de Língua Portuguesa deve valorizar a diversidade textual e estimular o envolvimento ativo dos estudantes. A leitura literária, em especial, ocupa lugar privilegiado nesse processo, por proporcionar experiências estéticas e reflexivas, ampliar a visão de mundo e fomentar o pensamento crítico. Trabalhar com textos como a crônica — gênero que se destaca por sua linguagem acessível, olhar crítico sobre o cotidiano e potencial de identificação com o leitor — revela-se uma estratégia potente para o ensino da leitura nos anos finais do ensino fundamental, sobretudo em contextos marcados por desigualdades sociais e educacionais.

Portanto, é fundamental que o professor atue como mediador nesse processo, selecionando textos que dialoguem com os interesses e as realidades dos alunos, promovendo

práticas significativas de leitura. Isso exige planejamento pedagógico, formação continuada e intencionalidade didática, de modo que o trabalho com a leitura em sala de aula vá além da preparação para avaliações externas, contribuindo efetivamente para a formação de leitores críticos, autônomos e socialmente comprometidos.

METODOLOGIA

A proposta pedagógica aqui apresentada foi desenvolvida para turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, compostas por adolescentes com idades entre 13 e 15 anos, considerando suas vivências sociais, interesses e desafios no processo de aprendizagem da leitura. A atividade foi estruturada para ser aplicada em duas aulas de 55 minutos cada, tendo como base as habilidades EF69LP44 e EF89LP33 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas habilidades orientam o trabalho com a leitura crítica e reflexiva de textos literários, especialmente no que se refere à análise dos efeitos de sentido provocados pela linguagem e à compreensão das representações construídas por meio da narrativa.

A escolha do gênero crônica se justifica por suas características acessíveis e temáticas próximas à realidade dos estudantes, o que favorece o envolvimento com o texto e amplia as possibilidades de interpretação. O texto selecionado foi *A verdade*, de Luís Fernando Veríssimo, cuja abordagem irônica e crítica sobre julgamentos e verdades manipuladas permite promover discussões significativas sobre ética, convivência social e formação de opinião, temas pertinentes ao universo adolescente.

1º MOMENTO – Predição e Leitura do Texto (55min - 1h/a)

OBJETIVO:
Estimular a leitura significativa da crônica, com foco na construção de sentidos e nos recursos expressivos utilizados.
ATIVAÇÃO DE CONHECIMENTO PRÉVIO (10 MIN)
O professor coloca no quadro o título do texto “A Verdade” e em seguida lança a pergunta: O que você que vai acontecer no texto? Depois de ouvir os alunos, indaga: A verdade tem lados? Existe uma verdade absoluta?” Breve roda de conversa com escuta ativa.
LEITURA DA CRÔNICA (10 MIN)
É interessante o professor realizar a leitura de forma bem expressiva.
QUESTÕES INTERPRETATIVAS E REFLEXIVAS (20 MIN)
Divida a turma em duplas ou em trios e lancem as perguntas a seguir para uma breve discussão. O que provoca o riso na crônica? / Que crítica social está sendo feita? / A crônica defende uma ideia? Qual? / Por que o título é “A Verdade”? Ele é literal ou irônico?

FECHAMENTO (10 MIN)
O professor deverá explorar: Recursos linguísticos e estilísticos: uso do humor, ironia, hipérbole; Cenário da crônica: contexto social, cotidiano e possibilidades de identificação com o leitor.
AVALIAÇÃO (5 MIN)
Registro individual de uma resposta argumentativa para a pergunta: “Qual é a crítica feita por Verissimo nessa crônica?” No máximo de 5 linhas.

2º MOMENTO - Leitura Crítica e Produção de Sentidos (55min - 1h/a)

OBJETIVO:
Aprofundar a leitura crítica e conectar a crônica à realidade dos estudantes.
REVISITAÇÃO E RETOMADA (5 MIN)
Recapitulação coletiva da crônica e das reflexões feitas na aula anterior.
ATIVIDADE DE LEITURA CRÍTICA (20 MIN)
Alunos respondem, em grupos ou trios, - se possível nas mesmas duplas ou trios da aula anterior - a um pequeno roteiro de análise crítica: • Quais vozes sociais aparecem ou são sugeridas no texto? • De que forma a linguagem contribui para construir o efeito de crítica? • Esse texto poderia ser escrito hoje? Ele ainda faz sentido? • O texto nos leva a refletir sobre que aspectos da sociedade?
Socialização das respostas (10 min)
Grupos compartilham suas leituras críticas e o professor complementa com mediação dialógica.
Produção reflexiva (15 min)
Escrita individual de um pequeno parágrafo: “A verdade, no nosso dia a dia, pode ser usada para...” (O estudante deverá usar argumentos e, se quiser, fazer referência à crônica.)
AVALIAÇÃO (5 MIN)
O professor oralmente faz uma breve explanação sobre: • Participação nas discussões; • Capacidade de análise crítica e interpretação textual; • Coerência e clareza na produção escrita. Para valorizar e incentivar a participação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de leitores críticos e reflexivos constitui um dos principais desafios e, ao mesmo tempo, um dos mais nobres objetivos do ensino de Língua Portuguesa na escola pública. A proposta metodológica aqui desenvolvida, centrada na leitura da crônica *A Verdade*, de Luís Fernando Veríssimo, buscou responder a esse desafio ao promover práticas de leitura significativas, dialógicas e contextualizadas, voltadas para estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

As atividades propostas não se limitaram à decodificação do texto literário, mas buscaram construir um espaço de escuta, reflexão e expressão, no qual os estudantes pudessem mobilizar seus saberes, interpretar criticamente os sentidos do texto e relacioná-los à sua realidade.

A aplicação da proposta em sala de aula revelou resultados bastante positivos. Os alunos demonstraram envolvimento genuíno com o tema abordado, trazendo exemplos reais vivenciados por eles ou de situações de seu conhecimento, o que enriqueceu ainda mais o debate. O texto, embora ficcional, despertou grande identificação, pois o eixo temático — a verdade e suas múltiplas facetas — toca diretamente aspectos do cotidiano, permitindo que os estudantes refletissem sobre situações concretas com as quais se deparam. Esse vínculo com a realidade foi determinante para o engajamento de todos, inclusive daqueles que, em outros momentos, apresentam maior resistência às atividades de leitura.

Ao eleger a crônica como gênero disparador, considerando sua linguagem acessível, olhar crítico sobre o cotidiano e potencial de identificação com o leitor jovem, a proposta favoreceu o envolvimento dos alunos e a construção de sentidos para além da superfície textual. A leitura da crônica *A Verdade* permitiu não apenas a análise de recursos expressivos e argumentativos, mas também o debate sobre temas éticos e sociais, como a relatividade da verdade, os julgamentos precipitados e os efeitos da linguagem na vida em sociedade.

As duas aulas planejadas demonstraram que, mesmo em um tempo reduzido, é possível promover práticas de leitura potentes, desde que essas sejam intencionais, bem estruturadas e sensíveis às realidades dos estudantes. O papel do professor como mediador foi fundamental para garantir que a leitura não fosse um exercício mecânico, mas uma experiência significativa de descoberta, posicionamento e diálogo com o mundo.

Portanto, o trabalho com o texto literário na escola deve ser permanente, planejado e vinculado à formação crítica dos alunos. Quando mediada de forma consciente, a leitura literária torna-se um caminho fértil para o desenvolvimento de competências linguísticas,

estéticas e sociais, contribuindo de maneira efetiva para a formação de sujeitos mais conscientes, sensíveis e atuantes em seu contexto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BANDEIRA, M. Ávila; PORTILHO, R. Concepções de leitura e formação do leitor nos anos iniciais do ensino fundamental nos documentos oficiais de ensino. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 171–188, 2020. DOI: 10.30715/doxa.v22i1.13977. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/13977>. Acesso em: 22 abr. 2025.

COSSON, Rildo. **Ler e gostar: estratégias para a formação do leitor literário na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VERISSIMO, Luís Fernando. A verdade. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ANEXO I

A VERDADE

(Luís Fernando Verissimo)

Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas.

O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram, mas não encontraram o anel de diamante. E a donzela disse:

– Agora me lembro, não era um homem, eram dois.

– E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem e o encontraram, e o mataram, mas ele também não tinha o anel. E a donzela disse:

– Então está com o terceiro!

Pois se lembrara que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela saíram no encalço do terceiro assaltante, e o encontraram no bosque. Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue. E trouxeram o homem para a aldeia, e o revistaram e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela, para espanto dela.

– Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo e a deixou desfalecida – gritaram os aldeões. – Matem-no!

– Esperem! – gritou o homem, no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. – Eu não roubei o anel. Foi ela que me deu!

E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos.

O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado, ele resistira, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo “Já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará o seu amor”. E ele sucumbira, pois era pobre, e a necessidade é o algoz da honra.

Todos se viraram contra a donzela e gritaram: “Rameira! Impura! Diaba!” e exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela passou a forca para o seu pescoço.

Antes de morrer, a donzela disse para o pescador:

– A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?

O pescador deu de ombros e disse:

– A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não histórias de pescador.